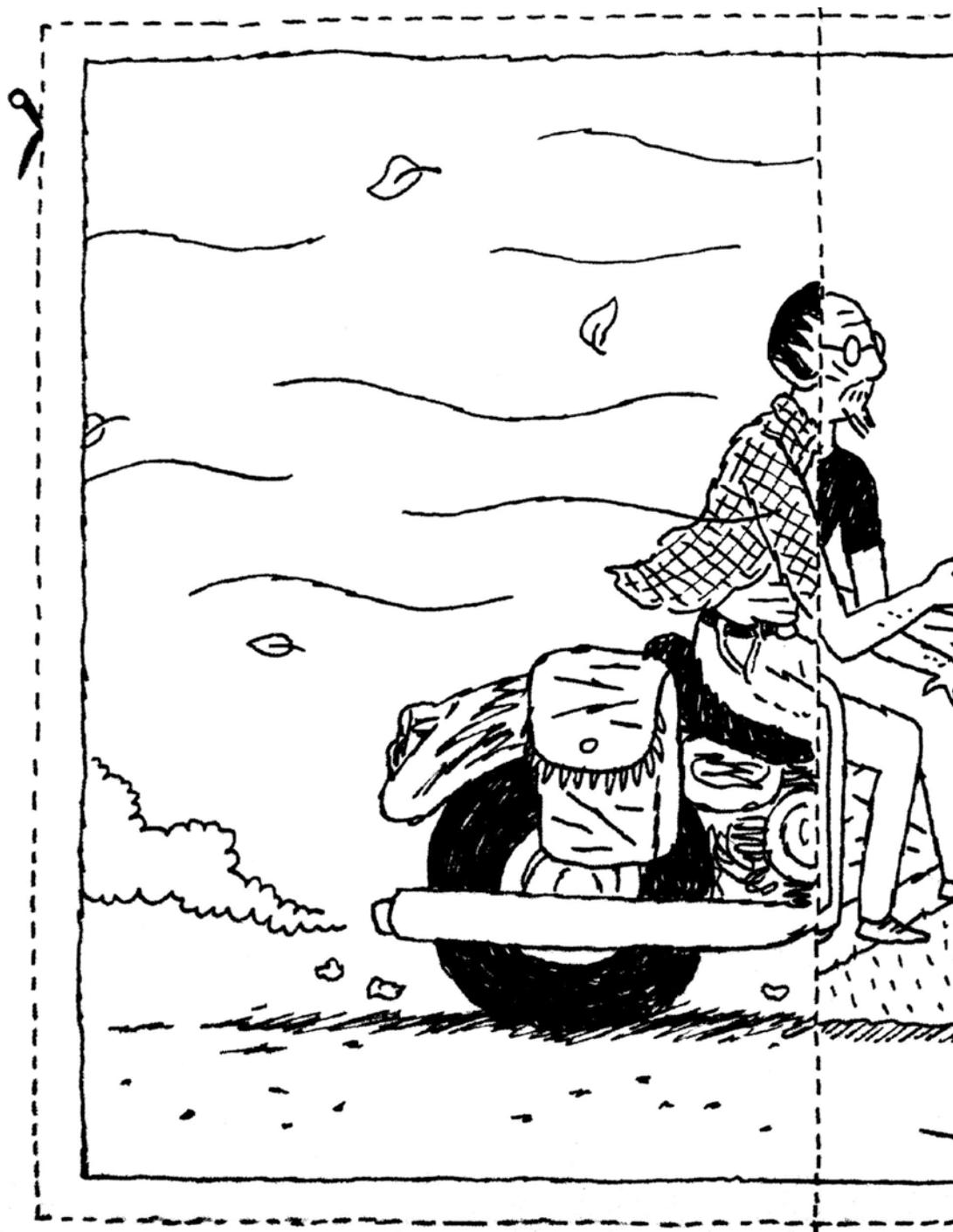




*Artigo  
da capa*

## “Com que roupa” eu vou envelhecer?

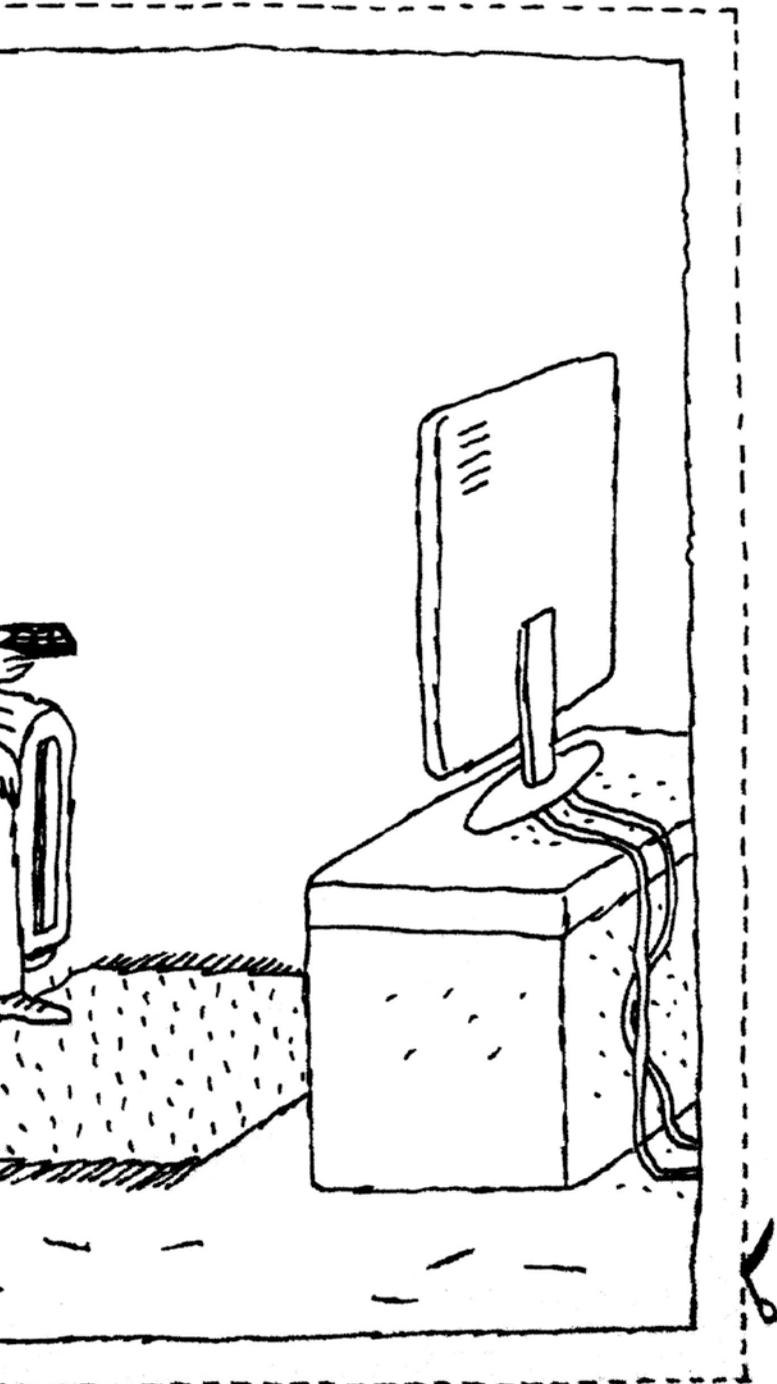
[Artigo 1, páginas de 8 a 23]





## Beltrina Côrte

*Beltrina Côrte é jornalista, com doutorado e pós.doc em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, e uma pessoa curiosa sobre o longeviver. É docente da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e editora do website Portal do Envelhecimento e da Editora Portal Edições. Coordena o grupo de pesquisa Longevidade, Envelhecimento e Comunicação. E-mail: beltrina@pucsp.br*



**RESUMO**

“Com que roupa?” é a metáfora utilizada neste artigo para percorrer as terminologias que designam as pessoas acima de 60 anos, especialmente o termo ‘terceira idade’, uma construção social para identificar os que vivem a velhice, etapa da vida mais próxima da finitude e que continua sendo negada. Não existe uma nomenclatura que se possa dizer correta, ela depende da resposta que cada um dará à pergunta «que velho habita meu ser?», em que cada qual buscará no armário aquela ‘roupa’, que o fará se sentir mais confortável ante seu longeviver.

**Palavras-chave:** terminologias; preconceitos; velhice; terceira idade.

**ABSTRACT**

*“What Clothes should I wear?” This sentence reflects the metaphor used on the pages to come. This article will go over different terminologies used to designate people above the age of 60, giving special attention to the term “third age”, a social construct that identifies the elderly, those that live in the closest stage to their finitude, and that have their old age denied. There is no one terminology that is correct as a universal understanding, the quest for the right terminology depends on the answer each person will give to the question “What old age will I wear?” the truth is it’s a personal choice in which each person is invited to take a look in the closet and search for the clothes that will make them feel more comfortable in this new stage of life.*

**Keywords:** terminologies; prejudices; old age; third Age

Em 1930, quando a expectativa de vida no Brasil era de apenas 37,3 anos, o compositor Noel Rosa (1910-1937), então com 20 anos, compôs a canção “Com que roupa?”<sup>1</sup>, um samba bem-humorado, que virou um clássico do cancioneiro brasileiro. Era a metáfora de “um Brasil de tanga, pobre e maltrapilho.” Passados 88 anos, essa metáfora se estende e se amplia para também um país de velhos, pois, embora tenha aumentado vertiginosamente sua expectativa de vida para 75,8 anos, o Brasil teima em ser um país de jovens, negando a velhice de mais de 30 milhões de velhos com os mais diversos rótulos: terceira idade, idosos, pessoa idosa, experientes, sêniores quarta idade, gerontolescência, melhor idade, idade de ouro, maturidade, envelhescência, cabelos prateados, ancião, futuridade, sexagenário, octogenário, nonagenário, centenário, matusalém, longo vivo..., “roupas” que tentam “vestir” pessoas que passaram dos 60 anos.

Se a letra da composição de Noel Rosa apresenta os dilemas humanos, atravessados por humor, ironia, desejos, miséria e sofrimentos, as diversas nomenclaturas existentes para nos situar em nossa velhice também apresentam as angústias de uma existência que se estende sem um lugar definido e que começa exatamente no primeiro dia após o aniversário dos 60 anos, quando é exigida socialmente uma nova “roupagem”, a qual configura-se no imaginário coletivo como o lugar a ser ocupado daí em diante.

*E agora com que roupa?*

*Com que roupa que eu vou*

*Pro samba que você me convidou?*

*Com que roupa que eu vou*

*Pro samba que você me convidou?*

Se entendermos a longevidade como o samba que nos espera, convidando-nos a aumentar a cada ano a nossa esperança de vida, é tempo de começarmos a repensar com qual “roupa” queremos vestir essa etapa de nossa existência, pois o traje escolhido definirá o lugar a ser ocupado socialmente, e, se isso não acontecer, a negação da velhice será um incômodo do qual, a todo custo, se tentará escapar sem sucesso, pois a única saída existente para não se envelhecer é a morte.

<sup>1</sup> Cf. Enciclopédia Itaú Cultural: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra69190/com-que-roupa>. Consta também, no Wikipédia, que ele tenha se inspirado quando ia sair com os amigos, e, sua mãe, para que ele não saísse, tenha escondido suas roupas, e, ele, com pressa, perguntou: “Com que roupa eu vou?”. Ver [https://pt.wikipedia.org/wiki/Noel\\_Rosa](https://pt.wikipedia.org/wiki/Noel_Rosa)

**Artigo 1**

“Com que roupa” eu vou envelhecer?

*Eu hoje estou pulando como sapo  
Pra ver se escapo  
Desta praga de urubu  
Já estou coberto de farrapo  
Eu vou acabar ficando nu  
Meu paletó virou estopa  
E eu nem sei mais com que roupa  
Com que roupa que eu vou  
Pro samba que você me convidou?*

Dentre as vestimentas mais aceitas para se cobrir nessa fase da vida está a terceira idade, nela contida a maioria dos termos que comumente são utilizados e que já foram por nós listados. Representa as pessoas que apresentam comportamento considerado “jovem” por redescobrirem o prazer de viver como se este só fosse possível existir na juventude. A terceira idade é a etiqueta com o maior número de seguidores, certificada e divulgada pela academia, poder público, mídia, instituições...É a mais difundida de todas, a fase da vida que começa aos 60 anos nos países em desenvolvimento e, aos 65 anos, nos países desenvolvidos, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), período no qual as pessoas continuam participando ativamente na família e nos mais diversos grupos de convivência. Trata-se de uma vestimenta que torna nominável aquilo que não pode ser dito, como “aquela-que-não-deve-ser-nomeada”, analogia ao personagem do mal, Lord Voldemort, na série juvenil de filmes de Harry Potter<sup>2</sup>. Ou seja, a expressão terceira idade, dentro do processo sócio histórico, foi sendo socialmente construída a partir de posições ideológicas e existenciais (PÊCHEUX, 1997).

Ao buscarmos o termo terceira idade, no Google, surge “aproximadamente, 44.000.000 resultados”, englobando-se aí todos os termos usados para designar a etapa da velhice. Essa evidência é um efeito discursivo ideológico, explorado bastante pela instância midiática, como assinala Pêcheux (1997), e funciona em uma relação de visibilidade e apagamento dos envelhecimentos, permitindo que determinados termos possam prevalecer em detrimento de outros.

Se terceira idade surgiu como eufemismo de velhice, as demais expressões, como melhor idade (1.710.000 resultados), maturidade (7.770.000 resultados), maior idade (498.000 resultados), futura-

**2** Harry Potter é uma série de aventuras fantásticas, escrita pela britânica J. K. Rowling, constituída por sete livros, que ganhou grande popularidade e sucesso comercial em todo o mundo.

de (21.000 resultados), envelhescência (19.900 resultados), gerontescência (2.860 resultados), entre outros, surgiram por se considerar desagradável e/ou ofensiva a terminologia terceira idade. Todas as nomenclaturas, no entanto, tentam, em vão, substituir o termo velhice, esta ainda marcada pelas imagens de pobreza, abandono e doença, esquecendo-se que ela é uma etapa - cada vez mais longa - do processo de envelhecimento, que é irreversível e inexorável para todos os seres vivos, finitos que somos.

A origem da popularização da expressão terceira idade se deu na França, com a implantação, nos anos 70, das Universités du Troisième Âge, sendo incorporada ao vocabulário anglo-saxão com a criação das Universities of the Third Age, em Cambridge, na Inglaterra, no verão de 1981. Essa terminologia foi objeto de muitos estudiosos, entre eles, Lenoir (1979), Guillemard (1986), Laslett (1987), Debert e Simões (1994) e Peixoto (2006). A nosso ver, foi Peixoto quem melhor compreendeu as nuances das representações sociais brasileiras a respeito dessa categoria, que ainda traz muita aversão, e daí o título deste artigo, um trocadilho com a canção de Noel Rosa, “com que roupa” queremos envelhecer. A escolha do título desta reflexão reside na tentativa de metaforizar esse processo de deslocamento de sentidos.

Para Peixoto, a representação social das pessoas acima de 60 anos vem sofrendo uma série de modificações ao longo do tempo, atreladas às reivindicações das políticas sociais para a velhice que, por sua vez, exigiram “categorias classificatórias adaptadas à nova condição moral” (2006, p. 70) dentro do sistema produtivo vigente. Esta designação da velhice segue processo semelhante ao ocorrido na França que, segundo Peixoto, foi produto da “universalização dos sistemas de aposentadoria e do consequente surgimento de instituições e agentes especializados no tratamento da velhice (2006, p. 76).” Nesse sentido, tanto na França quanto no Brasil, de acordo com Lenoir (1977, p. 384), a expressão

‘terceira idade’ não é um simples substituto do termo ‘velhice’. O trabalho de classificação é indissociavelmente um trabalho de eufemização e tem por objetivo tornar nominável, ou seja, público, aquilo que até agora foi rechaçado e não pode se exprimir. (1977, p. 384)

Peixoto lembra que, antes dos anos 60, os documentos oficiais publicados no Brasil denominavam as pessoas acima de 60 anos de velhas. Depois dessa época, oficialmente, optou-se utilizar a categoria

idoso, depois, pessoa idosa, sendo esta expressão considerada mais respeitosa do que a palavra velho, e assim foi incorporada até o ponto de ser considerada a categoria politicamente correta e, por isso, ela consta nos documentos oficiais da última década.

Barbieri relata que, no final dos anos 80, a Clínica-Escola de Psicologia da PUC-SP iniciou o serviço de psicoterapia em grupo para idosos, mas estes rechaçavam a identificação com os termos velhos e idosos, empregados nos cartazes de divulgação para a comunidade. Em decorrência dessa constatação, seus idealizadores resolveram nomear o atendimento como ‘Psicoterapia em grupo para a terceira fase da vida’ (2012, p. 116). Cerca de 20 anos depois, em 2009, o Observatório da Longevidade Humana e Envelhecimento, ao divulgar o projeto Condomínio Amigo do Idoso<sup>3</sup> - premiado pelo programa Talentos da Maturidade, em 2008, em dois conjuntos residenciais na cidade de São Paulo: no IAPI (Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários), na Mooca, e no COPAN, Sé, teve pouca adesão inicialmente, por seus moradores acima de 60 anos não se considerarem idosos. A entidade optou então em nomear o projeto como Condomínio Amigo. Mais recentemente, o Sesc São Paulo realizou uma pesquisa em relação à nomenclatura junto ao público que frequenta suas unidades. Dos oito termos sugeridos pelas equipes que atuam em atividades voltadas para o público idoso, a expressão “experiente” foi a favorita, como relatam Souza e Azevedo (2017).

Assim como, na época que foi lançada, a canção “Com que roupa” teve grande impacto, porque ela se aproximava com bom humor de questões relativas à vida cotidiana, criando empatia com a população carioca, a expressão ‘terceira idade’ foi a “roupa” escolhida pela população idosa, por suavizar uma etapa da vida muito estigmatizada, passando, então, a designar os aposentados dinâmicos, cujo mercado passou a oferecer atividades sociais, culturais, estéticas, alimentares e esportivas, bem como novas especialidades profissionais, entre eles os geriatras e os gerontólogos (PEIXOTO, 2004). Como já dizia Mood, em 1995, a terceira idade representa um dos cenários da longevidade com impacto na sociedade, porque os recursos estariam direcionados para a ampliação da meia idade, ativa, uma espécie de ‘modernização da velhice’, promovida por políticas como o envelhecimento ativo, empurrando, assim, o aparecimento das doenças para mais adiante e, conseqüentemente, a concepção de velhice.

**3** Projeto do qual fui uma das idealizadoras, juntamente com Celina Dias e Ingrid Mazeto, cf. <http://www.portaldoenvelhecimento.com/revista-nova/index.php/revistaportal/article/view/221/221>

Peixoto chama a atenção para o prolongamento da vida que, por sua vez, pressiona o “alargamento das faixas de idade mais jovens e, assim, a criação de novas denominações” (2004, p. 83). Entre elas já temos a quarta idade (75-85 anos), quinta idade (86-99 anos), centenários (100-109 anos) e supercentenários (mais de 110 anos). Categorias que surgem a fim de se destinar recursos para atender novas demandas. No Brasil, já temos uma lei (Lei 13.466, de 2017) que concede prioridade especial às pessoas com mais de 80 anos, a chamada “prioridade da prioridade”, dirigida a idosos acima desta idade, que terão prioridade em casos específicos como atendimentos de saúde, exceto em emergências, e em processos judiciais, por considerar que pessoas acima de 80 anos sejam mais vulneráveis do que as de 60 anos.

Enfim, a busca de terminologias é uma tentativa de se encontrar outros horizontes, que não apontem a incapacidade e a doença como sendo os únicos destinos da velhice, conforme os discursos existentes, especialmente os geriátricos, nos empurram goela abaixo.

#### **IDADE: OPERACIONALIZAÇÃO OU CLIVAGEM SOCIAL?**

As vestimentas diversas escondem o que Quaresma (2006) traz à tona, que é a questão da idade, pelo estigma que transporta em si, por esta emergir como fator de clivagem social, aumentando os riscos de exclusão na velhice. É a idade que ao longo do tempo denuncia as evidências do processo de envelhecimento, exigindo uma organização de serviços. Chamar esse grupo de velhos e de idosos, para muitos, é uma verdadeira ofensa, porque é considerado socialmente pejorativo. Isso ocorre porque, de acordo com Quaresma (2006, p.30), o estudo do desenvolvimento humano deu lugar à pesquisa centrada sobre as perdas, as alterações dos processos biológicos e psicológicos como consequências do processo de envelhecimento, isolando-o da historicidade que o acompanha. Por isso, a autora pontua que idade, historicidade e tempo não são variáveis independentes e constituem a marca da importância do conceito “percurso de vida” na investigação sociológica e das suas potencialidades para a investigação interdisciplinar.

No Brasil, constatamos que as investigações geriátricas não se cansam de anunciar uma velhice frágil e, praticamente, só de perdas, centradas na enfermidade e não no sujeito, reforçando o preconceito à velhice, que continua sendo associada à doença e, conseqüentemente, tida como um problema. O processo do envelhecimento, no entanto, é inexorável e irreversível, mas não é uma doença, é algo próprio da vida. Quem quer ser um problema? Quem quer envelhecer, quando o que se apresenta lá na frente são só perdas?

**Artigo 1**

“Com que roupa” eu vou envelhecer?

Se na origem da terminologia terceira idade estava a oportunidade de a velhice se ver representada em uma categoria a fim de se designar recursos, ou para se diferenciar daqueles outros velhos maltrapilhos, asilados, pobres e caducos, agora, na narrativa contemporânea, observa-se que o que está em jogo é o esforço ideológico, e até acadêmico, por transformar saúde e atenção - como sinônimos de juventude - em uma “ferramenta de negócios e lucro”, como explica Roncero (2018). Os discursos, tanto das especialidades autorizadas - geriatria e gerontologia - quanto dos meios de comunicação, jogam um papel fundamental, pois são responsáveis pela instituição de ideários de velhice ou discriminação etária sobre as mais diversas etapas da vida.

O termo “gerontolescência” passou a ser o queridinho da vez, tornando-se frequente, na mídia brasileira, para dizer da ‘adolescência da idade madura’. Ou seja, como as pessoas estão chegando aos 60 com mais pique, mais saúde, mais bem informadas e com mais dinheiro, o rótulo terceira idade não os contempla mais. O criador e divulgador do termo é o médico Alexandre Kalache<sup>4</sup> - referência no Brasil e no Exterior em envelhecimento e longevidade -, que, em declarações para a mídia nacional, disse que “os gerontolescentes chegam aos 60 e ultrapassam essa idade com o espírito do agora ou nunca”. Segundo ele, “Essas pessoas estão vivendo de uma forma muito diferente dos velhinhos e velhinhas que, antes, se limitavam a ler jornal na varanda ou a fazer tricô e crochê” (FURBINO, 2014).

Em entrevista dada à repórter Larissa Roso (2016), do jornal Gauchazh, Kalache comenta que o brasileiro é preconceituoso com a velhice e que

“Daqui a 15, 20 anos, vamos pegar o dicionário e ler o que é gerontolescência da mesma forma que lemos hoje o que é adolescência. A adolescência dura cinco ou seis anos, mas a gerontolescência será um período muito mais longo, de 25, 30 anos, iniciado a partir dos 55, 60 anos. Imagine esse tempo todo para experimentar, se rebelar, virar a mesa. Você já não quer as coisas que queria antes. Estou liberado, não tenho filhos pequenos, não tenho que pagar universidade, não estou preocupado em fazer carreira. Chega um momento de liberação que você quer pôr essa energia para fora e continuar contribuindo para a sociedade. Isso eu chamo ser gerontolescente. A definição etária cronológica é muito pobre para esse momento de criar uma nova construção social, uma nova forma de envelhecer”. (ROSO, 2016)

**4** Kalache trabalhou por 14 anos como diretor do Programa Global de Envelhecimento e Saúde da Organização Mundial da Saúde (OMS). Hoje, morando no Rio, ele é âncora do programa de rádio 50 Mais CBN, presidente do Centro Internacional de Longevidade Brasil e copresidente da Aliança Global, que reúne centros de 17 países. É super requisitado para conferências e consultorias no mundo inteiro.



**É importante começar a perguntar: que velho habita meu ser? Dependendo da resposta a esta pergunta se buscará no “armário” a roupa que nos faz sentir mais confortável ante uma realidade que se apresenta muitas vezes cheia de limites e angústias, já que tememos a dependência, a doença e o sofrimento com o prolongamento da esperança de vida.**

Percebe-se, então, que as diversas terminologias são, na realidade, uma tentativa de mudar a construção social do que é ser velho, em que a mídia ocupa um lugar central nessa construção.

#### **COMO A MÍDIA “VESTE” A VELHICE?**

Experienciar o envelhecer é se dar conta da condição finita que somos. Condição idiossincrática, pois cada indivíduo vivenciará de forma diferente do outro. Condição para a qual não nos preparamos, pelo contrário, a negamos. Por isso é importante começar a perguntar: que velho habita meu ser? Dependendo da resposta a esta pergunta se buscará no “armário” a roupa que nos faz sentir mais confortável ante uma realidade que se apresenta muitas vezes cheia de limites e angústias, já que tememos a dependência, a doença e o sofrimento com o prolongamento da esperança de vida.

A mídia joga um papel crucial na montagem desse vestiário ao reproduzir modelos de velhices que negam a condição de finitos, reproduzindo assim preconceitos e discriminação em relação a essa etapa da existência. Estigmas alimentados pelos rótulos até aqui apresentados, ao ponto de nos envergonharmos da velhice, negando-a continuamente, por preconceito em sermos/estarmos mais velhos, fato considerado pela Organização Mundial da Saúde, em seu relatório “World report on ageing and health”<sup>5</sup>, como problema de saúde pública, ao constatar, por meio de uma pesquisa, que 60% dos entrevistados consideram que idosos são desrespeitados.

Constatou-se que as atitudes negativas em relação às pessoas de idade têm consequências significativas sobre sua saúde mental e física, pois os cidadãos acima dos 60 anos, que se sentem como um fardo para os outros, correm o risco de sofrer depressão e isolamento como assinala o relatório da OMS. A partir do estudo, a OMS lançou a campanha internacional de luta para combater a discriminação

**5** O estudo que foi realizado com cerca de 83.000 pessoas de 57 países pode ser lido na sua íntegra em: [http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/186463/9789240694811\\_eng.pdf;jsessionid=0E1526EC4EEF9F8DCDD4E90572B9D0BE?sequence=1](http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/186463/9789240694811_eng.pdf;jsessionid=0E1526EC4EEF9F8DCDD4E90572B9D0BE?sequence=1)

contra as pessoas mais velhas. E são vários os motivos. Um deles é que a percepção negativa sobre a população idosa exerce impacto em políticas públicas. Pode, por exemplo, inibir políticos de fazerem ações voltadas para essa população já que a opinião pública acredita ser ela um “peso” ou uma questão “menos importante”. Ainda, o preconceito à idade abala a saúde de pessoas mais velhas. Aqueles que têm uma percepção negativa do envelhecimento demoram em se recuperar de enfermidades, diz a OMS, já que eles vivem em média 7,5 anos a menos do que aqueles que têm atitudes mais positivas.

A fim de mudar esse panorama, em 2016, a OMS criou uma campanha mundial, intitulada *Tome uma posição sobre a discriminação por idade*, com o objetivo de combater o preconceito e implementar uma estratégia global e um plano sobre envelhecimento e saúde. Na ocasião, o secretário-geral da ONU, Ban Ki-moo<sup>6</sup> declarou que é necessário uma “mudança na forma como os idosos são representados e percebidos na sociedade”, até porque, em 2050, o mundo terá o mesmo número de idosos e jovens com menos de 15 anos, ou seja, 2,1 bilhões de idosos, sendo que uma em cada cinco pessoas terá mais de 60 anos, e 80% delas terão baixa renda. Na época, John Beard, Diretor de Envelhecimento e Curso de Vida da OMS, declarou ainda que:

“A maioria das pessoas desconhece completamente os estereótipos subconscientes que elas têm sobre pessoas idosas... Assim como acontece com o sexismo e o racismo, é possível mudar as normas sociais. É tempo de parar de definir as pessoas por sua idade. Isso resultará em sociedades mais prósperas, equitativas e saudáveis”<sup>7</sup>.

O uso das diversas etiquetas é a principal aparência da discriminação por idade, que assume muitas outras formas, inclusive, as diversas violências a que as pessoas acima de 60 anos são expostas. Elas incluem desde retratar pessoas mais velhas como frágeis, dependentes e isoladas até práticas discriminatórias como racionamento dos cuidados por idade (a prioridade da prioridade é uma delas, por exemplo) ou políticas institucionais como a aposentadoria obrigatória em certa idade, conforme não cansam de nos mostrar os discursos midiáticos.

Aliás, estes passaram também a publicizar as investigações geriátricas, as quais se concentram nas enfermidades, realçando assim o declínio do corpo e, conseqüentemente, a prevalência de doenças, associada a maiores gastos. Concorde-se com Pellissier (2013) quando afirma que uma contextualização é necessária, assinalando que fica-se

**6** Ver <https://nacoesunidas.org/em-dia-internacional-onu-pe-de-fim-do-preconceito-e-melhores-condicoes-de-vida-para-idosos/>

**7** Ver [http://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5254:-discriminacao-e-atitudes-negativas-sobre-o-envelhecimento-sao-ruins-para-saude&Itemid=821](http://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5254:-discriminacao-e-atitudes-negativas-sobre-o-envelhecimento-sao-ruins-para-saude&Itemid=821)

doente cada vez mais tarde, e, por isso, a maioria das mortes ocorre na velhice. No entanto, esse conceito da velhice como sinônimo de doença, fragilidade, declínio, dependência ainda é bastante disseminado pela mídia e compõe, todavia, o imaginário social a respeito do longeviver.

Por detrás das diversas terminologias, está embutida a rejeição social à velhice, porque esta incorpora a categoria idade, que tem sido bastante destacada como o novo território do envelhecimento e da velhice a ser temido. Esse temor, como nota Quaresma (2006, p. 30), se dá pela situação de maior desvantagem que estes se encontram, ressaltando os riscos sociais, os ambientais e os de saúde; todos eles pelo excessivo enfoque nas perdas e declínio, raiz de conceitos e preconceitos.

É por isso que a velhice, e as muitas “roupas” que a vestem, a começar pelo termo ‘velho’, segue ainda como sinônimo de tudo que está ultrapassado, o que não é jovem, tornando-se um fantasma que acompanha todas as idades, pois não se quer envelhecer, fazendo com que todos nós exibamos performances de juventude, mostrando assim a violência de um olhar segregador e preconceituoso contra a idade. A conotação negativa das diversas roupas usadas para designar esta fase da vida perpetua-se, induzindo a uma representação social de anos indesejados e, conseqüentemente, um preconceito contra pessoas consideradas mais velhas.

O antropólogo Marc Augé (2014, p. 19), ao refletir a respeito do seu próprio envelhecer, fazendo um diálogo consigo próprio, afirma que “cada um é levado, em algum momento, a se interrogar sobre sua idade, de um ponto de vista ou outro, e tornar-se o etnólogo de sua própria vida”. Ele nos diz que “Existe algo no olhar dos outros que nos remete à nossa idade”. E confessa que, quando isso acontece, ele precisa refletir. Sabe que a idade é a passagem dos anos, “com a conseqüente sanção social que a impõe”. Já o tempo, segundo ele, é “muito mais vasto, pode ser a imaginação do futuro, ou a evocação do passado, ou a mistura dos dois”. Comenta que “no fundo, o tempo é liberdade enquanto a idade é constrangimento” (BRANDÃO, 2014, p. 106). Por isso, recomenda viver segundo o tempo, o que implica em viver simplesmente, e acrescentamos, não se importando com que roupa.

#### **AGORA VOU MUDAR MINHA CONDUTA**

Voltemos à composição de Noel Rosa, “Com que roupa?”, para perguntar: como mudar nossa conduta ante o que nos é apresentado cotidianamente como negativo e indesejado?

**Artigo 1**

“Com que roupa” eu vou envelhecer?

*Agora vou mudar minha conduta  
Eu vou pra luta  
Pois eu quero me aprumar.  
Vou tratar você com a força bruta  
Pra poder me reabilitar,  
Pois esta vida não está sopa  
E eu pergunto: com que roupa?*

*Com que roupa que eu vou  
Pro samba que você me convidou?  
Com que roupa que eu vou  
Pro samba que você me convidou?*

Se a mídia tem a capacidade de reproduzir os preconceitos em relação à velhice, ela também tem o poder de produzir ideários sobre esta etapa da existência. Como coloca Martín-Barbero (2013, p. 66), “os mentores da nova conduta são os filmes, a televisão, a publicidade, que começam transformando o modo de vestir e terminam provocando uma metamorfose dos aspectos morais mais profundos”.

O TED 2017, intitulado *Ageism is a Global Human Rights Issue*<sup>8</sup>, ministrado por Ashton Applewhite, ativista do movimento anti-preconceito contra envelhecimento, abordando o que ela define como uma questão global de direitos humanos, indica algumas respostas. Para começar, Applewhite aponta que o problema está na cultura a qual pertencemos, em que impera o nosso medo de envelhecer e as aberrações associadas a esse medo, incluindo a aversão à discriminação, embora Augé (2014) nos lembre que todas as culturas têm a tendência a serem severas com a idade, pois a regra geral é colocar o velho de lado. Applewhite ainda assinala que todo o preconceito depende de ‘outros’ e que o “estranho sobre o preconceito contra o envelhecimento e a velhice é que o ‘outro’ somos nós, porque todos nós ficaremos velhos”.

No vídeo chamado *Let’s End Ageism*, Applewhite traz algumas afirmações em relação a possíveis mudanças de conduta. Uma delas diz que “É vergonhoso ser chamado de velho até pararmos de ter vergonha disso”. O que Applewhite está dizendo com essa frase? Ora, se nós assumirmos a nossa velhice como uma etapa da vida, nada nos envergonhará. Em outras palavras, o dia em que pararmos de ter vergonha de nossa velhice nada nos afetará, porque somos velhos mesmo. Portanto, ao invés de vergonha, devemos colocar em seu lugar a palavra orgulho. Orgulho de sermos o que somos.

Applewhite aponta outra questão: “Nós tendemos a pensar em todos os velhos como da mesma idade, quando podem ter até quatro décadas de diferença. Você pode imaginar pensar dessa maneira sobre um grupo de pessoas entre as idades de 20 e 60?”. Há muita diversidade entre as pessoas que estão envelhecendo, e isso vai depender de como

**8** Ver [https://www.ted.com/talks/ashton\\_applewhite\\_let\\_s\\_end\\_ageism?language=pt-br](https://www.ted.com/talks/ashton_applewhite_let_s_end_ageism?language=pt-br)

viveram e dos recursos disponíveis ao seu redor. Não dá para juntar todas as pessoas da terceira idade como se fossem iguais. O Relatório da OMS expressa que “algumas pessoas acima de 80 anos apresentam níveis de capacidade física e mental comparáveis aos níveis de muitos jovens de 20 anos”.

Também em palestra para o TED2018, a humorista Emily Levine confessa que passou sua vida inteira negando os limites que a velhice lhe impondo como realidade, exigindo dela imaginação, criatividade e todas as suas habilidades. Até que entendeu que não poderia “superar a morte”, pois não dá para derrotar a morte sem matar a vida. Além de entender que isso não mais fazia sentido para ela, também percebeu que era uma ingratidão: “Você recebe este presente extraordinário, a vida (...) e, em vez disso, se queixa de que a vida tem uma data de vencimento, pois a morte é a desmancha-prazeres”. Para Levine, isso é um desrespeito com a natureza. Ela vê a velhice como uma etapa da vida mais próxima da sua condição de ser finito, e por isso encara a morte como parte da cultura da doação. Segundo ela,

Recebemos este presente enorme, a vida, nós a enriquecemos da melhor maneira possível, e depois a retribuímos. E minha tia Mame dizia: “A vida é um banquete”. Eu já me fartei da minha porção. Sempre tive um apetite enorme pela vida. Eu tenho consumido a vida, mas, na morte, serei consumida. Irei pra debaixo da terra como sou, e lá, eu convido todos os micróbios, as bactérias, e elementos de decomposição a se fartarem de mim.<sup>9</sup>

*Eu já corri de vento em popa  
Mas agora com que roupa?  
Com que roupa que eu vou*

Após percorrermos as terminologias construídas socialmente para designar quem está na velhice, e fazer trocadilho com a canção de Noel Rosa “Com que roupa?”, encerramos esta reflexão chamando Marc Augé, que, em recente entrevista, concedida a Christilla Pellé-Douel para o magazine *Psychologies*<sup>10</sup>, disse que o que havia era um paradoxo: “vivemos mais tempo como velhos, é uma sorte, mas apresentado para a sociedade como inconveniente”. Na tentativa de não ser inconveniente, a sociedade vai criando “roupagens” diversas. Entre as alternativas encontradas nesta narrativa para responder com que roupa eu vou longeviver, preferimos deixar a resposta para outro compositor, contemporâneo, Caetano Veloso, que em ‘Dom de iludir’, diz que “cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é”, inclusive, liberados de qualquer traje, até o da idade. ☺

<sup>9</sup> Ver <https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/wp-admin/post.php?post=14151&action=edit>

<sup>10</sup> Ver <http://www.psychologies.com/nº339>, abril 2014

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- AUGÉ, M. 2014. Une Ethnologie de Soi. Le temps sans âge. Paris: Éditions du Seuil, 2014.
- BARBIERI, N. A. Velhice: melhor idade. O mundo da saúde. São Paulo–2012, v. 36, n. 1, p. 116-119, 2012.
- BRANDÃO, V. Uma Etnologia de Si. Um tempo sem idade. Revista Portal de Divulgação, n.42, Ano V. Set/Out/ Nov., 103-107, 2014. Disponível em: <<http://www.portaldoenvelhecimento.com/revista-nova/index.php/revistaportal/article/view/481/518>>. Acesso em: 18 nov. 2016.
- Com que roupa?. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra69190/com-que-roupa>>. Acesso em: 09 de Jun. 2018. Verbete da Enciclopédia.
- DEBERT, G. G.; SIMÕES, J. A. A aposentadoria e a invenção da terceira idade. Antropologia e velhice. Campinas: Unicamp, p. 31-48, 1994.
- FURBINO, Z. Idosos redescobrem a terceira idade com mais saúde e novos projetos de vida. Saúde Plena. Disponível em: <<http://www.uai.com.br/app/noticia/saude/2014/10/19/noticias-saude,191353/idosos-redescobrem-a-terceira-idade-com-mais-saude-e-novos-projetos-d.shtml>>. Acesso em: 19 out. 2014.
- GUILLEMARD, A. M. Le déclin du social: formation et crise des politiques de la vieillesse. Presses universitaires de France, 1986.
- LASLETT, P. The emergence of the third age. Ageing & Society, v. 7, n. 2, p. 133-160, 1987.
- LENOIR, R. Transformations des rapports entre générations et apparition du Troisième Age. Paris: EHESS, 1977, v.1.
- LENOIR, R. L'invention du. Actes de la recherche en sciences sociales, v. 26, n. 1, p. 57-82, 1979.
- MARTÍN-BARBERO, J. Dos meios às mediações. Comunicação, Cultura e Hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2013.
- MOODY, Harry R. Ageing, meaning and the allocation of resources. Ageing & Society, v. 15, n. 2, p. 163-184, 1995.
- PÊCHEUX, M. Discurso, estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 1997
- PELLISSIER, J. Com que idade nos tornamos velhos? Dossiê Envelhecimento. Le Monde Diplomatique. Edição de Junho de 2013. Disponível em: <<http://diplomatique.org.br/com-que-idade-nos-tornamos-velhos/>>. Acesso em: 13 out. 2016.
- PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. In: Myriam Moraes Lins de Barros (ORG.). Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política, 4 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

- QUARESMA, M. L. Gerontologia e Gerontologia Social: contributos para a análise de um percurso. *Revista Kairós*, São Paulo, 9(1), jun 2006, pp. 19-42.
- RONCERO, Unai Martín. Envejecimiento: la falsa amenaza para el sistema sanitario. Disponível em: < <https://www.agenciasinc.es/Opinion/Envejecimiento-la-falsa-amenaza-para-el-sistema-sanitario>>. Acesso em 07 abril 2018
- ROSO, L. R. Alexandre Kalache: “O brasileiro é preconceituoso com a velhice”. *ZH*. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/noticia/2016/04/alexandre-kalache-o-brasileiro-e-preconceituoso-com-a-velhice-5784325.html>>. Acesso em: 23 abr. 2016.
- SOUZA, I. D. de; e AZEVEDO, C. D. Os públicos experientes que habitam o Sesc em São Paulo. *Revista Kairós - Gerontologia*, 20(4), 279-294. ISSN 2176-901X. São Paulo (SP), 2017, Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP. Disponível em: < <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/36839/25112>>. Acesso em: 12 jun. 2018.